

Cartas de Voltaire de 1762 a 1765: história e filosofia clandestina*

Leandro de Araújo Sardeiro

Professor da Universidade Estadual do Piauí.

Doutor em “Forme e Storia dei Saperi Filosofici nell'Europa Moderna e Contemporanea”
pela Università del Salento, XXXVI ciclo

E-mail: leosardeiro@phb.uespi.br

Recebido em: 03/02/2019.

Aprovado em: 12/04/2019.

Resumo: A proposta do presente artigo é observar em linhas gerais as relações entre a “Philosophie de l’Histoire” de François-Marie Arouet – conhecido como Voltaire – e a literatura clandestina em geral do século XVIII. Tratou-se de uma pesquisa exploratória, preocupada em: i) possibilitar um primeiro contato com a bibliografia de referência sobre o assunto; ii) teorizar e estruturar as formas metodológicas mais apropriadas ao tratamento do assunto; iii) observar como as discussões sobre a História apresentadas por Voltaire têm relação com as leituras sobre a História encontradas nos diversos textos clandestinos em circulação naquele momento.

Palavras-chave: Iluminismo moderno. Anonimato e clandestinidade. Progresso e História.

Letters from Voltaire from 1762 to 1765: History and Clandestine Philosophy

Abstract: The purpose of this paper is to observe in general terms the relationship between the "Philosophie de l’Histoire" of François-Marie Arouet – as known as Voltaire – and the clandestine literature of the eighteenth century. This was an exploratory study, focused on: i) a first contact with the bibliography about it, ii) to theorize methodological ways to the most appropriate treatment of the subject, iii) to observe how the discussions on the History presented by Voltaire have relation with the readings on the History found in many clandestines texts in circulation at that moment.

Keywords: Modern Enlightenment – Anonymity and Clandestinity – Progress and History.

Apresentação

Ao analisar a correspondência de Descartes, Armogathe (1998) consegue observar naquele *corpus* o contexto perfeito para as considerações teóricas mais avançadas do filósofo. A sua tese, de fato, tem uma grande aplicação ao discutir a correspondência cartesiana como um *laboratório intelectual*. Sobre Voltaire não se pode dizer o mesmo. As circunstâncias, porém, também não eram as mesmas. O estabelecimento das academias científicas e de novos periódicos destinados à informação da *République des Lettres* substituiu em larga escala o papel da correspondência pessoal¹. Além disso, o ambiente político do século XVIII é muito mais acirrado, e é maior a preocupação com os assuntos contidos nas cartas. Escrevendo a Étienne-Noël Damilaville em 28 de maio de 1765, Voltaire confessa ao seu correspondente a desconfiança de que as suas cartas estejam sendo abertas. Ele afirma:

J'ai su qu'on avait encore envoyé un second paquet par M. Gaudet, et probablement ce paquet n'est point parvenu à sa destination. On écrivit depuis une lettre instructive sur l'état des choses, et on se servit de la même voie. Cette lettre partit le 21 ou le 22 du mois. Il serait très triste qu'on l'eût ouverte. On a écrit le 27 par M. Héron premier commis des bureaux du Conseil, et la lettre a été mise à la poste à Lyon. (VOLTAIRE, 1997, 788-9).

Além do mais, a própria concepção de “Filosofia” havia se transformado bastante. A forma de compreensão teórica das ideias filosóficas ganha nova significação, o que se reflete nas fontes analisadas – sobretudo nos *corpi* de correspondências desse momento histórico. Por essa razão, não há que se esperar discussões estritamente conceituais nas cartas analisadas, pois que essa fonte responde ao espírito da sua época, preocupado com a abordagem sistemática das questões enfrentadas, mas sem transformá-las em grandes sistemas teóricos. E nesse sentido o trabalho com a correspondência de Voltaire é algo bastante proveitoso. Apesar de não parecer possível analisar tais cartas como um espaço de discussão teórica e intelectual, é bastante interessante notar como elas permitem o acompanhamento das linhas gerais das propostas voltaireanas no decorrer da sua produção. Para empreender essa discussão, escolhi o período compreendido entre 1762 e 1765². Esse *corpus* foi analisado visando perceber o modo como a concepção do filósofo sobre a *História* se relaciona com as suas atividades *clandestinas*³. Para tanto, parti da *Philosophie de l'Histoire* como delimitador da sua ideia de História.

A correspondência conseguiu mostrar alguns resultados que evidenciam um profundo conhecimento do seu autor em vista dos escritos clandestinos, suas formas de difusão e suas

estratégias de escrita. Penso conseguir perceber uma relação entre *La Philosophie de l'Histoire*, de 1765, e a percepção voltaireana da Literatura Clandestina em geral.

I.

É importante salientar que o tratamento das discussões clandestinas de Voltaire é algo complexo. Não é possível analisá-las de forma imediata, como se tratasse de um texto do século XVII, por exemplo. Nessas discussões, surgem de súbito as implicações próprias do pensamento do século XVIII. A mais curiosa de todas é o trabalho detido de Voltaire em prol da não-identificação entre ele e a obra que escreve. A figura do “autor” desaparece completamente⁴. Não somente em relação a *La Philosophie de l'Histoire*, mas em relação a grande parte dos textos mais especificamente *filosóficos* do autor.

Em carta endereçada a Étienne-Noël Damilaville de 2 de novembro de 1764 – muito próxima do momento de publicação de *La Philosophie de l'Histoire* – Voltaire afirma: “Il faudrait que les ouvrages utiles n'appartinssent à personne. On doute encore de l'auteur de *l'Imitation de Jésus-Christ*. Qu'importe l'auteur d'un livre pourvu qu'il fasse du bien aux bonnes âmes ?” (VOLTAIRE, 1997, p. 761). Não se trata de uma expressão retórica. Ao acompanhar a sua correspondência, percebe-se a negação sistemática de grande parte dos escritos que hoje já se sabe sem dúvida serem devidos à sua pena. O mais expressivo para nós é justamente *La Philosophie de l'Histoire*. Voltaire não chega a assumi-lo como seu, mesmo aos seus amigos mais próximos. Esse fato pode ser analisado em conjunto ao tratamento que desprende ao *Dictionnaire Philosophique*.

O *Dictionnaire Philosophique Portatif* é publicado em Londres, in-8, no ano de 1764⁶. É talvez um dos textos mais expressivos da Filosofia de Voltaire. Talvez por essa razão tenha sido um dos primeiros textos a serem traduzidos no Brasil e inserido na coleção *Os Pensadores*, ainda na década de 1970. No entanto, em 24 de setembro de 1764, o filósofo abre outra missiva a Damilaville afirmando: “Vous savez, je crois, mon frère, ce que c'est que ce *Dictionnaire philosophique* que des malavisés m'ont imputé si injustement. C'est un ouvrage qui me paraît bien fort. Je l'ai fait acheter à Genève [...]” (VOLTAIRE, 1997, p. 753). Não encontrei uma só carta do período analisado na qual Voltaire assumisse a autoria desse escrito. Mais do que isso, o filósofo chega a se empenhar em não ser identificado de modo algum como seu autor. Em carta a Jean Le Rond d'Alembert de 19 de outubro de 1764, ele chega a explicar o seu “empenho” ao seu correspondente:

Permettez-moi de vous parler encore de ce *Dictionnaire portatif*; je sais bien qu'il y en a peu d'exemplaires à Paris, et qu'ils ne sont guère qu'entre les mains des adeptes. J'ai empêché jusqu'ici qu'il n'en entrât davantage, et qu'on ne le réimprimât à Rouen; mais je ne pourrai pas l'empêcher toujours. On le réimprime en Hollande. Vous me demandez pourquoi je m'inquiète tant sur un livre auquel je n'ai nulle part. C'est que, par ordre du roi, le procureur général prépare actuellement un réquisitoire; c'est qu'à l'âge de soixante et onze ans, malade et presque aveugle, je suis prêt à essayer la persécution la plus violente; c'est qu'enfin je ne veux pas mourir martyr d'un livre que je n'ai pas fait (VOLTAIRE, 1997, p. 756).

D'Alembert é um velho correspondente de Voltaire. Na edição da correspondência trocada entre ambos⁷, a primeira missiva data de 13 de dezembro de 1746. No entanto, Voltaire ainda se mostra relutante em aceitar a imputação de autoria da referida obra. Ele apresenta diversos motivos para se preocupar com o falatório em torno do seu nome, mas a última frase é bastante significativa do que pretendo observar: ele não assume de modo algum o livro que lhe é imputado. Um livro que, hoje, já se sabe muito bem que é de fato da sua autorias.

A continuação da carta mostra um fato ainda mais impressionante. Voltaire afirma: “J’ai la preuve en main que M. Polier, premier pasteur de Lausanne, est l’auteur de l’article *Messie*; ainsi c’est la pure vérité que ce livre est de plusieurs mains, et que c’est un recueil fait par un libraire ignorant” (VOLTAIRE, 1997, p. 756-7). O filósofo constrói formas de comprovar a atribuição de autoria a outra pessoa. Ele afirma a mesma coisa em carta de mesma data, 19 de outubro de 1764, endereçada a Damilaville:

Il est clair comme le jour que l’ouvrage est de plusieurs mains et qu’on s’est servi de mon orthographe pour me l’attribuer; n’importe, mon innocence ne me servira de rien. C’est toujours pour moi une consolation bien chère que vous me rendiez justice et que la voix de nos frères se joigne à la vôtre pour publier la vérité (VOLTAIRE, 1997, p. 757-8).

Assim, percebe-se a dificuldade de se trabalhar os textos de Voltaire de forma sistemático-conceitual. Ao se buscar uma leitura pautada pelos preceitos do estruturalismo filosófico – sobretudo na esteira das propostas historiográficas de Martial Guérout e Michel Foucault – um elemento estrutural muito importante da discussão se perde, que é justamente a figura do *autor*. Como fazer uma análise conceitual de um *corpus* que não faz questão de expressar o mínimo de unidade? Como retomar o discurso construído sob a égide do “autor Voltaire” se esse mesmo autor trabalha arduamente para se desvincular dos escritos que põe em circulação? No que se refere a *La Philosophie de l’Histoire*, não é diferente. Trata-se também de um texto clandestino, escrito sob a assinatura do “finado senhor abade Bazin”. E Voltaire se empenha em desfazer qualquer relação entre o seu nome e o do finado.

Na verdade, o que se percebe é que *La Philosophie de l'Histoire* não parece ter sido tão ostensivamente ligada ao nome de Voltaire, como acontece com o *Dictionnaire Philosophique*. Isso faz com que Voltaire utilize formas mais sutis de difundir o seu texto, sem necessidade de ficar tentando desfazer as ligações entre este e o seu nome. É o que se percebe em carta enviada a Charles-Augustin Ferriol, de 17 de março de 1765. Voltaire encaminha ao seu correspondente o pacote com o livro e lhe diz:

Voici le commencement d'une espèce d'histoire ancienne qui me paraît curieuse. Si elle vous fait plaisir, je tâcherai d'en avoir la suite pour vous amuser ; elle a l'air d'être vraie, et cependant la religion y est respectée. N'engagez-vous pas frère Marin à en favoriser le débit ? Je crois que les bons entendeurs pourront profiter à cette lecture ; il y a en vérité des chapitres fort scientifiques, et le scientifique n'est jamais scandaleux (VOLTAIRE, 1997, p. 776).

A forma sutil como Voltaire encaminha o seu próprio texto chama a atenção. O autor o apresenta como algo qualquer, mas detentor de alguma qualidade. Dessa forma, aproveita para pedir que encaminhe a outro conhecido e então coloca o seu argumento mais forte para defender a obra: trata-se de algo que tem certa cientificidade. Essa será, de fato, a sua marca mais específica no trato da História: a exigência de cientificidade. Parece que Voltaire se dá conta do espírito da época, que via na cientificidade a expressão do avanço dos tempos, e então explora essa sua característica como algo que irá abonar a obra apresentada. Dessa forma, ele lança atenção sobre o seu escrito e não necessita, em nenhum momento, de algo que o ligue ao seu nome.

O trato de *La Philosophie de l'Histoire* continua dessa forma sutil e velada por toda a correspondência analisada. Em 25 de março de 1765, ele anuncia o texto ao seu correspondente habitual, Damilaville, dizendo o seguinte:

Vous aurez dans quelques temps *La Philosophie de l'histoire*, et vous y verrez des choses qui sont aussi vraies que peu connues. Cet ouvrage est d'un abbé Bazin qui respecte la religion comme il le doit, mais qui ne respecte point du tout l'erreur, l'ignorance et le fanatisme. Quand vous lirez cet ouvrage vous serez étonné de l'excès de bêtise de nos histoires anciennes [...]. On dit que le livre est dédié à l'impératrice de Russie par le neveu de l'auteur. J'aurais bien voulu connaître l'oncle (VOLTAIRE, 1997, p. 780).

É bem notório que Voltaire admite outra estratégia de difusão da sua *Philosophie de l'Histoire*, mas como anteriormente, sempre impondo uma distância entre a obra e o seu próprio nome. Essa discussão assume, dessa maneira, também um caráter completamente clandestino⁹. E com isso, apresenta todas as implicações e dificuldades que se espera da

análise filosófico-historiográfica da referida obra. Ele não chega a assumir a autoria da obra nem mesmo à imperatriz Catherine II, da Rússia, a quem dedica a obra e por quem é muito respeitado. Quando perguntado sobre o autor da obra, e instado a entregar-lhe uma carta de autoria da imperatriz, Voltaire lhe responde: “Je n’ai pas manqué de chercher le neveu de l’abbé Bazin pour lui communiquer la lettre dont Votre Majesté Impériale m’a honoré. C’est un homme retiré et obscur, mais votre gloire est venue jusqu’à lui [...]” (VOLTAIRE, 1997, p. 792).

O filósofo então chega a criar um verdadeiro personagem, utilizado para afastar de si a responsabilidade sobre a obra. Esse suposto “sobrinho” do abade Bazin será o personagem utilizado por Voltaire para rebater as críticas que serão feitas à sua *Philosophie de l’Histoire* por Pierre-Henri Larcher, no seu *Supplement à la Philosophie de l’Histoire de Feu M. L’Abbé Bazin*, de 1767. Como a autoria da *Philosophie de l’Histoire* recai sobre um personagem *finado*, cabe ao seu sobrinho defender a memória do seu tio, o que irá fazer na obra intitulada *La défense de mon oncle*, também de 1767.

Com isso, toda essa discussão de Voltaire sobre a História acontece de forma anônima e chega a circular de forma clandestina, como se percebe na sua correspondência. Por essa razão, acredito que é preciso de fato aprofundar uma discussão metodológica acerca da compreensão histórico-filosófica da obra clandestina de Voltaire. Não é possível, sem prejuízo, tomar essa obra como sendo simplesmente algo derivado dos seus devaneios. A assunção de um autor fictício tem mesmo uma função operativa na construção do discurso voltaireano¹⁰, e então não é possível simplesmente ignorar o fato da sua negação de autoria e tratar o escrito sobre *La Philosophie de l’Histoire* como sendo mais uma obra de Voltaire. É preciso compreender essa obra na complexidade que a sua situação clandestina lhe impõe. Dessa forma, a correspondência conseguiu mostrar que a referida obra não permite uma leitura conceitual imediata. É preciso documentar melhor as suas relações, e até mesmo os personagens elencados nas cartas estudadas¹¹.

II.

Ademais, o estudo da correspondência arrolada permitiu-me conhecer de forma mais detida o modo como Voltaire compreende a própria ideia de *História* na sua discussão. Traçar um quadro geral dessa compreensão foi bastante importante, porque, como nos apresenta o editor da edição de referência de *La Philosophie de l’Histoire* (1765),

When Voltaire decided to call this work *La Philosophie de l'histoire*, he had, of course, no idea that he was giving currency to one of the catchwords of the following century. Indeed, if he had known what the phrase means to us, he would probably have chosen another title, or written another book (BRUMFITT, 1969, p. 13).

Isso expressa a especificidade do pensamento filosófico francês do século XVIII: não há uma preocupação sistemática sobre a História, como se poderá perceber em seguida no pensamento alemão, sobretudo nos escritos de Hegel e Marx, já no século XIX. A discussão sobre a História assume uma feição mais voltada para a propaganda política, tentando mostrar àqueles que se interessarem como o estado de coisas atual é derivado de um abuso ou erro cometido por algum grupo social ou povo determinado em um passado distante – mas que se reflete perfeitamente nos acontecimentos atuais. A História então se transforma em instrumento de discussão do momento atual, prejudicado que estaria pelo poder desmesurado cedido às instituições religiosas em vista de assuntos civis. A História assumiria então, na obra clandestina de Voltaire, o papel de transformadora do *Espaço de experiências*¹² da História oficial.

A ideia de que a História poderia ser utilizada como instrumento de crítica e transformação social está presente em diversos momentos da trajetória intelectual de Voltaire e parece se caracterizar bem na sua correspondência. Em carta de 4 de outubro de 1763, o filósofo escreve a Claude-Adrien Helvétius se lamentando sobre o requisitório instaurado contra o seu escrito, *De l'Esprit*. Dessa forma, Voltaire aconselha o seu amigo:

Je vous exhorte à les relire pour vous exciter à la vengeance, en regardant votre ennemi. Je ne crois pas qu'on ait entassé jamais plus d'absurdités et plus d'insolences, et je vous avoue que je ne conçois pas comment vous laissez triompher l'hydre qui vous a déchiré. Le comble de la douleur, à mon gré, est d'être terrassé par des ennemis absurdes. Comment n'employez-vous pas tous les moments de votre vie à venger le genre humain en vous vengeant ? Vous vous trahissez vous-même en n'employant pas votre loisir à faire connaître la vérité. **Il y a une belle histoire à faire, c'est celle des contradictions.** Cette idée m'est venue en lisant l'impertinent décret de la Sorbonne. Il commence par condamner cette vérité que toutes les idées nous viennent par les sens, qu'elle avait adoptée autrefois, non pas parce qu'elle était vérité, mais parce qu'elle était ancienne. Ces marauds ont traité la philosophie comme ils traitèrent Henri IV, et comme ils ont traité la bulle, que tantôt ils ont reçue, et qu'ils ont tantôt condamnée.

Ces contradictions règnent depuis Luc et Mathieu, ou plutôt depuis Moïse. **Ce serait une chose bien curieuse que de mettre sous les yeux ce scandale de l'esprit humain.** Il n'y a qu'à lire et transcrire. (VOLTAIRE, 1997, p. 710. Grifo acrescentado).

Seria talvez uma consideração apressada afirmar que aqui surge o germe da ideia de História que Voltaire irá desenvolver na sua *Philosophie de l'Histoire*. No entanto, muitos dos

seus elementos já estão aqui presentes. É um sentimento que parece crescer com o tempo e culminar na escrita do texto estudado. É o mesmo sentimento de construção de uma História científica, iluminada, que aparece nos escritos posteriores, notadamente no *Pirronisme de l'Histoire*, de 1769¹³.

Na correspondência, esse sentimento surge também em carta a d'Alembert de 14 de abril de 1764, quando afirma que não há na nação autores que ousem “colocar a sua alma” sobre o papel, dizendo que eles fingem respeitar aquilo que na realidade desprezam. Completa dizendo que “[...] vos historiens surtout sont de plates gens, Il n’y en a pas un qui ait osé dire la vérité” (VOLTAIRE, 1997, p. 736). Voltaire pensa em uma História que seja propícia ao esclarecimento da humanidade. Demonstra, desse modo, uma utilização da História que se faz de modo consciente, reelaborando o modo de se compreender os fatos passados, dando novos significados aos fatos que possam compor o futuro. A História adquire assim contornos revisionistas.

Esse jogo entre fato *passado* e significação *para o futuro* está bastante presente no trato dado por Voltaire à História em sua correspondência. Isso fica mais evidente em relação a um texto que, explicitamente, faz esse tipo de abordagem: o *Traité sur la Tolérance*: à l’occasion de la mort de Jean Calas (1763)¹⁴. Pouco antes da sua publicação, há uma grande concentração de referências ao “caso Jean Calas” na correspondência do autor. Trata-se de um caso de intolerância religiosa que culminou com o julgamento equivocado e execução de Jean Calas.

Em carta a D’Alembert de 28 de novembro de 1762, Voltaire aconselha ao amigo a cuidar da viúva Calas. Justifica o seu pedido: “C’est une huguenote imbécile, mais son mari a été la victime des pénitents blancs. Il importe au genre humain que les fanatiques de Toulouse soient confondus” (VOLTAIRE, 1997, p. 670-1). A preocupação de Voltaire não é algo pessoal. Refere-se à viúva Calas como “imbecil”, mas percebe que essa “imbecilidade” não seria condição suficiente para justificar os acontecimentos de intolerância que têm afligido a sua casa. A sua intenção então, apresentando um livro chamado *Traité sur la Tolérance*, destinado ao tratamento do *affaire Calas*, é claramente revisionista. Ele pretende, com tudo isso, utilizar os acontecimentos históricos do passado para explicar e expor o absurdo do presente. O *Traité sur la Tolérance* é, na verdade, uma grande discussão sobre a compreensão correta da História das nações. E ao enredar nessa miríade de leituras sobre as nações o caso específico da família Calas, Voltaire deixa clara uma compreensão acerca da História que será a mesma desenvolvida em seus escritos clandestino a esse respeito, sobretudo na sua *Philosophie de l’Histoire*: a ideia de que a História pode, quando bem entendida, permitir

avanços significativos na organização das coisas humanas. Isso parece bastante evidente quando escreve a Étienne-Noel Damilaville, em 26 de dezembro de 1762:

Il me paraît que l'affaire Calas prend un bon tour dans les esprits. L'élargissement des demoiselles Calas prouve bien que le ministère ne croit point Calas coupable ; c'est beaucoup. Il me paraît impossible à présent que le Conseil n'ordonne pas la révision. Ce sera un grand coup porté au fanatisme. Ne pourra-t-on pas en profiter ? ne coupera-t-on pas à la fin les têtes de cette hydre ?

Je certifie toujours que je n'ai reçu de frère Thiriot qu'un petit billet du 1^{er} novembre. Je lui avais demandé la meilleure histoire du Languedoc, car ce Languedoc est un peu le pays du fanatisme, et on pourrait y trouver de bons mémoires. **Dieu merci, ce monstre fournit toujours des armes contre lui-même** (VOLTAIRE, 1997, p. 672-3. Grifo acrescentado).

Voltaire já demonstra a preocupação com a revisão do caso, desde 1762. Nessa mesma carta, o filósofo apresenta o seu interesse em conhecer melhor a história da região. Contudo, como se pode ver em destaque, a sua preocupação com a história da região é completamente determinada. Ele busca argumentos para construir uma leitura acerca do caso, argumentos estes que serão em larga medida apresentados no seu texto do ano seguinte, o *Traité*.

Em carta ao mesmo destinatário de 1 de dezembro de 1763 ele opina sobre a sua própria obra: “C'est un ouvrage pour les frères, et on croit que cette petite semence de moutarde produira beaucoup de fruit un jour [...]” (VOLTAIRE, 1997, p. 713). E essa semente ganha contornos bem definidos quando Voltaire a discute em carta de 13 de fevereiro de 1764 com D'Alembert. O filósofo observa como o livro sobre a tolerância poderá ser uma arma fiel no combate ao fanatismo, ensinando as pessoas se posicionarem imediatamente contra esse tipo de pensamento. A sociedade, com tal tipo de pensamento, caminharia para o melhor, tendo os filósofos como arautos do esclarecimento. Com a sua ajuda, os jovens destinados aos grandes lugares encontrariam seu caminho, e então a marcha em prol de se “écraser l'infâme” estaria a bom termo. Nesse sentido, “Le petit livret de la *Tolérance* a déjà fait au moins quelque bien. Il a tiré un pauvre diable des galères, et un autre de prison. Leur crime était d'avoir entendu en plein champ la parole de Dieu prêchée par un ministre huguenot” (VOLTAIRE, 1997, p. 728). Ora, o grande prêmio da apresentação da História que o *Traité* oferece é justamente a sua feição revisionista, que permite que os fatos presentes sejam revistos e tratados de outra maneira. Essa feição *utilitária* da História – se é que posso ou devo me referir de tal modo – é bastante presente na literatura clandestina em geral e é ela que Voltaire assume na sua compreensão dos acontecimentos do mundo. O que nos leva a uma terceira via de discussão, que é justamente o nível de conhecimento de Voltaire em torno da Filosofia clandestina em geral.

III.

Sendo assim, a minha discussão passou rapidamente por uma análise, a partir da correspondência estudada, do conhecimento que Voltaire apresenta em relação às peculiaridades da Filosofia clandestina. Posso afirmar que o nosso autor era um grande conhecedor de todas as facetas desse movimento, não sendo à toa tomado como um dos seus principais representantes. É importante notar que, a partir das discussões que se apresentam nos estudos sobre os textos clandestinos em geral – notadamente os veiculados através do periódico *La Lettre Clandestine*, publicado desde 1992 – não há uma delimitação clara sobre o que seja o fenômeno clandestino que se percebe na literatura do século XVIII de modo muito acentuado. Desde que Gustave Lanson identificou um conjunto de textos tomados como *clandestinos* no seu estudo de 1912, até então as pesquisas têm trabalhado para tentar explicitar os critérios básicos para se afirmar a *clandestinidade* dos textos estudados e assim delimitar de modo preciso o *corpus* de trabalho a ser identificado nas bibliotecas. Essa é uma preocupação tão grande que surge como assunto central do número 7 de *La Lettre Clandestine* de 1998. O seu dossiê principal é todo voltado para essa problemática.

De antemão, pode-se dizer que Voltaire se encaixa na grande maioria dos critérios de delimitação da clandestinidade. Ele assume: i) as estratégias de escrita dos textos clandestinos, colocando em primeiro lugar nomes diferentes do seu como autor dos textos que escreve, geralmente assumindo o nome de personagens reais e já falecidos; ii) as possibilidades de edição e apropriação dos textos que chegam às suas mãos, dando-lhes a feição que mais se adapta às suas necessidades teóricas do momento. Voltaire é um grande editor das obras clandestinas em geral, mas em muitos casos ele altera os textos que publica, ressaltando o que lhe interessa e suprimindo o que não lhe agrada; iii) as linhas clandestinas de difusão dos escritos que imprime e que compra. Geralmente, os textos têm uma circulação que é conseguida somente por meios ilícitos, os quais já são bastante conhecidos dos livreiros mais famosos. Essa é uma discussão muito cara a Robert Darnton (1992; 1997; 1998), que detalha muito bem os meandros do mercado livreiro clandestino, explorando as suas inúmeras variáveis e documentando-as muito bem; iv) Voltaire assume também os argumentos principais dos textos clandestinos. Em geral, ele é um grande fornecedor de argumentos para a Filosofia clandestina do momento, mas, quando pode, se apropria daquilo que lhe interessa e emprega nos seus próprios textos. De modo geral, essas são algumas características que

compõem a compreensão de um texto como *clandestino*, e Voltaire se adapta bem a cada uma delas.

O que é mais fácil de observar na sua correspondência a esse respeito é o seu amplo conhecimento das formas de obtenção e circulação de textos clandestinos. Em carta a Damilaville de 1 de janeiro de 1764, ele solicita ao amigo: “On parle beaucoup d’une œuvre toute différente, c’est le mandement de votre archevêque. On le dit imprimé clandestinement comme les contes de La Fontaine, et on dit qu’il ne sera pas si bien reçu. Pourrai-je obtenir un de ces mandements et un *Antifinancier* ?” (VOLTAIRE, 1997, p. 720). A obtenção dessas obras *proibidas* não era tão fácil e direta. Era preciso saber exatamente onde procurá-las. Voltaire sabe exatamente a quem recorrer para conseguir os textos de que necessita.

Voltaire conhece inclusive as estratégias utilizadas pelos livreiros para fazer circular as suas *mercadorias*. Em carta que envia ao seu editor, Gabriel Cramer, em fevereiro/março de 1764, Voltaire assinala “Je tremble toujours pour la *Tolérance*, quoi qu’on die, quoi qu’on die; et je conseille à Mr. Gabriel de glisser Jérôme et Guillaume dans *Pierre*” (VOLTAIRE, 1997, p. 730). Com isso, Voltaire dava instruções específicas, conhecidas de todos os livreiros de obras clandestinas: era preciso misturar os textos que ele assinava como Jérôme Carré e Guillaume Vadé com *L’Histoire de l’Empire de Russie sous Pierre le Grand*. Robert Darnton (1998) esclarece-nos sobre isso. Os textos vendidos à época não circulavam encadernados. Eram vendidos somente como folhas impressas, pois dessa forma era mais fácil transportá-los e, principalmente, recorrer a esses expedientes clandestinos: misturar uma impressão com a outra, para que uma possível fiscalização no transporte não conseguisse perceber o que estava sendo transportado. Eram possíveis vários resultados em caso de descoberta do livro clandestino, e os mais comuns eram confisco dos livros transportados e prisão imediata do transportador. Nenhum dos dois era algo muito apreciado, pelos prejuízos diversos que traziam¹⁵. Voltaire demonstra claro conhecimento desse tipo de expediente, e dessa forma dá claros sinais de ser um grande apreciador de escritos clandestinos em geral.

Além disso, os estudos de Robert Darnton (1998) junto aos arquivos da *Société Typographique de Neuchâtel* mostram que a Holanda era uma das grandes responsáveis pela impressão e venda de livros na França no período do Iluminismo, e o trabalho apurado de Max Fajn (1974) mostra que Marc-Michel Rey – um dos seus maiores livreiros – fora o responsável pela impressão de grande parte da obra clandestina de Voltaire, bem como de Rousseau, de Diderot e do barão d’Holbach. Não há como se negar então a profunda relação que Voltaire trava com a literatura clandestina do seu tempo, o que aparece de diversas formas no conjunto das suas cartas.

Considerações finais

A pesquisa em torno do *corpus* clandestino é, no geral, bastante complexa. Os problemas que surgem na sua discussão são muito diversos. Envolvem questões de edição de textos, delimitação de um *corpus* de análise, compreensão das estratégias de difusão e apropriação dos escritos e ideias da Filosofia clandestina, dentre outras coisas. Em se tratando de uma pesquisa exploratória acerca das relações entre a *Philosophie de l'Histoire* de Voltaire e a Filosofia clandestina em geral, acredito que consegui fazer expressivos avanços. Com esses resultados preliminares já poderei reestruturar a pesquisa inicial e apresentar mudanças significativas nas suas expectativas.

Em primeiro lugar, posso indicar a insuficiência de um tratamento puramente conceitual da questão proposta. A correspondência se mostrou muito rica no que diz respeito às concepções voltaireanas acerca da História e da Filosofia clandestina, mas de uma riqueza que necessita de documentação, e não explanação teórica. É preciso sistematizar as informações a esse respeito, e então uma leitura interna da obra foi, nesse momento, ainda desnecessária.

Em segundo lugar, a pesquisa tomou uma direção que mostrou a necessidade de se relacionar compreensões múltiplas do autor no tratamento da questão que apresento. Voltaire é verdadeiramente prolixo. Ele escreve muitas coisas ao mesmo tempo, lê tudo o que há de mais interessante no momento, e ainda se envolve com todas as questões políticas mais relevantes da França do seu tempo. Acredito não ser possível cristalizar a sua compreensão clandestina sobre a História a partir da leitura estrutural de uma obra qualquer, ainda que seja essa obra a tida como a mais importante de sua carreira acerca da questão da História – que irá influenciar formas de pensar a História que ainda hoje são utilizadas.

Enfim, é preciso continuar buscando as particularidades do pensamento clandestino de Voltaire como um todo, e detidamente naquilo que diz respeito à sua compreensão acerca da História, para que essa pesquisa possa mostrar os seus frutos mais significativos.

Referências

Primárias

OEUVRES complètes de Voltaire: Correspondence avec M. D'Alembert. Paris: Perroneau, 1821. t. XLIII.

VOLTAIRE. *A filosofia da história*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VOLTAIRE. *Correspondance choisie*. Choix, présentation et notes par Jacqueline Hellegouarc'h. [S.l. : s.n.], 1997. (Classiques Modernes, La Pochothèque).

VOLTAIRE. La Philosophie de l'Histoire. Edited by J. H. Brumfitt. 2. ed. rev. In. BESTERMAN, Theodore (Org). *The complete Works of Voltaire*. Genève: Institut et Musée Voltaire; Toronto: University of Toronto Press, 1969. v. 59.

VOLTAIRE. *Mélanges*. Preface par Emmanuel Berl. Texte établi et annoté par Jacques Van Den Heuvel. France: Gallimard, 1961. (Bibliothèque de la Pléiade, 152).

Secundárias

ARMOGATHE, Jean-Robert. La *Correspondance* de Descartes comme laboratoire intellectuel. In. ARMOGATHE, Jean-Robert ; BELGIOIOSO, G.; VINTI, C. (a cura di). *La biografia intellettuale di René Descartes attraverso la Correspondance: Atti del Convegno Descartes e l' "Europe savante"*, Perugia, 7-10 ottobre 1996. Napoli: Vivarium, 1998. p. 5-22.

ARTIGAS-MENANT, Geneviève. *Du secret des clandestins à la propagande voltairienne*. Paris: Honoré Champion, 2001.

ARTIGAS-MENANT, Geneviève. Voltaire éditeur des manuscrits philosophiques clandestins. *Revue Voltaire*. n. 4, 2004. p. 137-142.

BARBIER, Antoine Alexandre. *Dictionnaire des ouvrages anonymes*. 3ème éd., rev. augm. Paris: Paul Daffis, 1872, 1874, 1875, 1879. IV volumes. (édition numérique sur Gallica.bnf.fr).

BENÍTEZ, Miguel. *La face cachée des lumières: recherches sur les manuscrits clandestins philosophiques de l'âge classique*. Paris, Oxford: Voltaire Foundation, 1996.

BLOCH, Olivier (Org.). *Le matérialisme du XVIIIe siècle et la littérature clandestine*. Paris: J. Vrin, 1982.

CASSIRER, Ernst. *La philosophie des lumières*. Paris: Fayard, 1966.

CRONK, Nicholas. Voltaire éditeur du Philosophe de Du Marsais. *La lettre clandestine*. n. 16, 2008. p. 175-186.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARNTON, Robert. *Edição e sedição: O universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DEL VENTO, Laurence Macé. “Lancer la foudre et retirer la main”: Les strategies clandestines de Voltaire face à la censure romaine. In: *La lettre clandestine: Voltaire et les manuscrits philosophiques clandestins*. n. 16, 2008. Publiée avec le concours du CNRS.

DIBON, P. Clerselier, éditeur de la correspondance de Descartes. In: BADALONI, N. et al. (a cura di). *La storia della filosofia come sapere critico*, Milano, Angeli, 1984, p. 260-282.

FAJN, Max. Marc-Michel Rey: Boekhandelaar op de Bloemmark (Amsterdam). *Proceedings of the American Philosophical Society*. Vol. 118, No. 3 (Jun. 7, 1974), p. 260-268. Artigo em inglês.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LA LETTRE Clandestine. *Voltaire et les manuscrits philosophiques clandestins*. Paris: PUPS, n. 16, 2008.

LANSON, Gustave. Questions diverses sur l’histoire de l’esprit philosophique en France avant 1750. *Revue de Histoire Litteraire de la France*. 19 (1912), p.1-29, 293-317.

McKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins de l’âge classique: bilan et perspectives des recherches. *XVIIe Siècle*. n° 192 (1996), p. 523-35.

MORI, Gianluca. Du Manuscrit à l’imprimé: Les Nouvelles libertés de penser. *La lettre Clandestine*. n. 2., 1993. Paris: P.U.F., 1999. p. 129-134.

MOUREAU, François (Ed.). *De bonne main: La communication manuscrite au XVIIIe siècle*. Paris: Voltaire Foundation, 1993.

MOUREAU, François. *La plume et le plomb: espace de l’imprimé et du manuscrit au siècle des Lumières*. Paris: PUPS, 2006.

MOUREAUX, José-Michel. Voltaire éditeur: de sa conception de l’édition à sa pratique éditoriale des recueils. *Revue Voltaire*. n. 4, 2004.

REVUE Voltaire. *Approches voltairiennes des manuscrits clandestins*. Paris, PUPS, n. 8, 2008.

SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

WADE, Ira Owen. *The clandestine organization and diffusion of philosophic ideas in France, from 1700 to 1750*. 1938.

WAQUET, F. Les éditions de correspondances savantes et les idéaux de la République des Lettres (Les Correspondances franco-étrangères au XVIIIe siècle), *XVIIe siècle*. n. 178, 1993, p. 99-118.

WEIL, Françoise. La fonction du manuscrit par rapport à l'imprimé. In. MOUREAU, François (éd.). *De bonne main: La communication manuscrite au XVIIIe siècle*. Paris: Voltaire Foundation, 1993. p. 17-27.

WEIL, Françoise. La diffusion en France avant 1750 d'éditions de textes dits clandestins. In. BLOCH, Olivier (Org.). *Le matérialisme du XVIIIe siècle et la littérature clandestine*. Paris: J. Vrin, 1982. p. 207-211.

Notas

* Este texto apresenta alguns resultados do projeto de pesquisa intitulado “Voltaire e o baixo iluminismo: A Filosofia da História e a Literatura clandestina”, desenvolvido junto à Universidade Estadual do Piauí e que contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – FAPEPI.

1 Sobre a utilização de correspondências como fonte para a História da Filosofia, Cf. F. Waquet. *Les éditions de correspondances savantes et les idéaux de la République des Lettres*, 1993. E também P. Dibon, *Clerselier, éditeur de la correspondance de Descartes*, 1984. Além do texto de Jean-Robert Armogathe (1998), já referido.

2 A escolha do recorte temporal tem razões bem determinadas. Em primeiro lugar, 1762 é o ano no qual Voltaire se envolve profundamente com as discussões sobre o caso de Jean Calas, que irá culminar com a escrita do seu texto intitulado *Traité sur la Tolérance, à l'occasion de la mort de Jean Calas*. Por sua vez, 1765 é o ano de publicação da obra principal que deu ensejo à pesquisa ora apresentada, *La Philosophie de l'Histoire*. A partir dos marcos temporais escolhidos, a seleção das cartas se deu em razão da proeminência no tratamento das questões sobre a literatura clandestina em geral. É preciso salientar que não foi traçado nenhum tipo de marco conceitual mais específico, deixando com que a fonte apresentasse tudo o que fosse possível. Dessa forma, todas as informações arroladas nos resultados são provenientes de uma leitura não direcionada das cartas, não sendo relevante nesse momento nem mesmo o destinatário ao qual a carta se dirige. As cartas principais foram mapeadas e a sua leitura foi sistematizada em razão de três marcos teóricos que julguei serem importantes para unificar a massa de textos estudados: i) A forma de tratamento que Voltaire desprende às discussões clandestinas que envolvam – ou não – a problemática da História; ii) a forma como Voltaire apresenta a sua ideia de *História* nos textos clandestinos que escreve; iii) o grau de conhecimento que Voltaire apresenta em relação às problemáticas da Filosofia clandestina em geral, nos seus aspectos teóricos, econômicos e sociais. A partir desse direcionamento, pude compreender de modo preliminar o que me foi possível, conseguindo dar um tratamento analítico inicial à questão proposta.

3 A “clandestinidade” a que me refiro neste artigo é derivada das discussões iniciadas em 1912 pelos estudos de Gustave Lanson, no seu artigo *Questions diverses sur l'histoire de l'esprit philosophique en France avant 1750*. Essa ideia fica um pouco mais clara na terceira parte do presente artigo.

4 Segundo Moureau (2006), o anonimato em si é – na maior parte das vezes – algo sem sentido. No momento em que eram publicadas as obras anônimas, todos sabiam de imediato a sua autoria. No entanto, a utilização desse expediente passava aos leitores a mensagem de que “trata-se de algo que, de outro modo, seria censurado”. Dessa forma, o anonimato (e também o uso de pseudônimos, ou falsa atribuição de autoria – todos expedientes comuns à época) cumpre a função de “materializar” o caráter de “clandestino” do conteúdo tratado naquela obra. Para maiores informações sobre os modos de utilização do anonimato e sua relação com a Filosofia clandestina, Cf. François Moureau, *La plume et le plomb: espace du manuscrit et de l'imprimé au siècle des Lumières*. 2006. E também *La lettre clandestine*, nº 8, 1999, onde se pode encontrar um dossiê intitulado *Anonymat et clandestinité aux XVIIe et XVIII siècles*.

5 Ou seja, aqueles que denotam uma acuidade intelectual mais detida no trato das questões abordadas. Pelo que se percebe na leitura dos textos sobre a *História*, a forma de argumentação de Voltaire é mais voltada para a apropriação e ressignificação de acontecimentos passados. Dessa forma, não chega a fazer incursões aprofundadas em domínios conceituais. Quando o faz, percebe-se que o autor tende a assinar com outro nome, atribuindo a obra a algum outro personagem do contexto intelectual da época – ou até mesmo inventando novos “autores” para assinar o seu texto. Cf. nota anterior.

6 Cf. BARBIER, v.1, 1872, p. 981. O autor indica ainda a existência de novas edições in-8 em 1765 e 1767, também em Londres.

7 Cf. OEUVRES complètes de Voltaire : Correspondence avec M. D'Alembert. Paris : Perroneau, 1821. t. XLIII.

8 Voltaire continua negando a autoria do *Dictionnaire Philosophique Portative* em cartas que envia a Étienne-Noël Damilaville em 31 de dezembro de 1764 e 25 de março de 1765.

⁹ Assumindo, como o faz muito bem MOUREAU (2006), a relação direta entre *anonimato*, utilização de *pseudônimos* e *clandestinidade* no referido período.

¹⁰ Cf. DEL VENTO, 2008.

¹¹ Seria interessante enriquecer o conhecimento sobre um correspondente que me chamou bastante a atenção: Étienne-Noël Damilaville. Ele recebe muitas cartas, indicações de textos e notícias sobre o mundo clandestino vindos de Voltaire, mas não consegui – com a documentação de que dispunha no momento – especificar exatamente qual a sua relação com Voltaire e com a Filosofia clandestina do século XVIII. É algo a se aprofundar.

¹² Essa é uma categoria historiográfica apresentada por Reinhart Koselleck no seu livro *Futuro Passado*, e que poderia em alguma medida nos auxiliar na compreensão da ideia de *Progresso* que parece se delinear na discussão clandestina de Voltaire sobre a História. Essa deverá ser, no entanto, uma análise futura.

¹³ Publicado pela primeira vez, de acordo com a observação de Beuchot, no volume IV da coletânea de Voltaire intitulada *L'Évangile du Jour*, de 1769. Para mais informações, Cf. BARBIER, t. 2, p. 320.

¹⁴ Publicado sem indicação de lugar, in-8, em 1763. Conta com mais uma edição in-8 em 1764 e uma in-12 em 1765, todas sem indicação de lugar. A esse respeito, Cf. BARBIER, t. 4, 1879, p. 809.

¹⁵ No caso do confisco, o prejuízo era direto: perda de todo investimento feito na confecção da obra. No entanto, também em caso de prisão havia prejuízo, pois que se tornava cada vez mais difícil achar alguém disposto a transportar a carga ilegal. Para maiores informações a esse respeito, Cf. Robert Darnton. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. 1989.